

VIEIRA, Rosana ; SANDEVILLE JUNIOR, Euler . A construção das paisagens dos sertões litorâneos. OLAM (Rio Claro), v. 7, p. 1, 2007.

A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM DOS SERTÕES LITORÂNEOS

Rosana Silva Vieira*;
Euler Sandeville Jr.**

OLAM - Ciência & Tecnologia ISSN 1519 - 8693 - II Encontro sobre Percepção e Conservação Ambiental: ações para a proteção dos recursos naturais e construídos.

RESUMO

Este texto é um recorte da pesquisa "Transformações na paisagem litorânea" desenvolvida no curso de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; e aborda a construção da paisagem dos sertões de Ubatuba, no extremo Norte do Litoral Paulista, em suas relações intrínsecas com o ambiente e as populações residentes. Essa região passou por profundas alterações em seu ambiente sócio-cultural e paisagístico, decorrentes principalmente dos impactos do turismo de massa e dos deslocamentos de classes que a especulação imobiliária ocasionou na cidade. A partir da compreensão e da reconstrução da história de formação dos sertões e dos laços com o lugar através da percepção de seus habitantes, buscamos analisar a construção dessas paisagens, a fim de contribuir com uma abordagem sobre formas possíveis de atuação nessas paisagens.

Palavras-chave: Paisagem. Lugar. Sertões Litorâneos. Percepção. Representação. Ubatuba.

ABSTRACT

This text is a part of a research called "Transformation on the Coast View" developed during the Architecture Master Degree from Sao Paulo's University. It broaches the growth of Ubatuba's backlands view, which is located at the North end of Sao Paulo's Coast, into its intrinsic relations, with environment and local people. This region got through some deep environment modification social, cultural and of viewing. That took place mainly because of touristy impact and class' displacement caused by the real estate business. From comprehension and reconstruction of the history of the backland's constitution and the bonds with the place; through the perception of its locals, we tried to analyze the growth of these landscapes in order

to contribute with an approach about possible ways of influence these views.

Key words: Landscape. Place. Coast Backlands. Perception. Representation. Ubatuba.

Considerações Iniciais

O fenômeno de apropriação do litoral pelas populações das cidades é, sem dúvida, uma das faces da contemporaneidade, com a industrialização e urbanização da população brasileira, seu maior acesso às comunicações de massa, o desenvolvimento técnico dos meios de transporte na eliminação das distâncias e a superação de espaços e tempos pela informação instantânea. Esse processo produz uma modelagem de comportamentos e valores através dos meios de comunicação de massa e do *marketing*. A concentração progressiva e acentuada da população nas cidades deu início à intensificação do “*stress urbano*”, levando as sociedades à procura de um “escape” como garantia de bem estar, fazendo do contato com a natureza uma das maiores motivações das viagens. Praias, montanhas e ambientes naturais são então apropriados como áreas de lazer pela sociedade, transformados em mercadoria, tendo seus espaços produzidos segundo uma lógica econômica que se alicerça em processos de exclusão social, comprometendo os recursos humanos e naturais. Nesse cenário as regiões litorâneas brasileiras vêm passando por profundas alterações no ambiente, sofrendo os impactos gerados pelo capitalismo num processo cada vez mais acelerado. O município de Ubatuba, localizado na microrregião do Litoral Norte de São Paulo situa-se no centro dessas transformações, que vêm acontecendo na forma de uma ocupação desordenada, o que causa impactos sócio-ambientais, altera o modo de vida local, provocando conflitos entre as populações nativas e exógenas na disputa pelo espaço. A explosão turística pela qual o município passou nas últimas décadas causou um crescimento da especulação imobiliária, um deslocamento espacial das classes sociais e uma atração crescente de migrantes de outras regiões empobrecidas do país que foram se fixando nas encostas dos morros, formando “bolsões” de ocupações de baixa renda – os chamados “**sertões**”, o que acabou criando impactos que descaracterizaram a paisagem natural da cidade.

Entendemos o termo “**sertões**” como ocupações periféricas com características rurais localizados nas encostas dos morros de regiões litorâneas, sendo ocupados em sua maior parte por populações de baixa renda. Configuram-se como áreas de menor potencial atrativo, onde o valor da terra é menor; com baixa qualidade de vida e serviços precários. As populações residentes desses sertões têm sido pouco mencionadas, ficando como um pano de fundo nessa face mais evidente dos processos de ocupação territorial do litoral. Entretanto, essa população que apresenta um crescimento significativo dentro das estatísticas do município, são os excluídos dessa paisagem, à qual dão suporte

prestando inúmeros serviços. São pouco percebidos pelos turistas e pelas autoridades. Que paisagens vêm esses moradores? Este trabalho procura enfrentar essa questão.

Uma discussão sobre paisagem

Para estudar as relações da cultura local com as transformações da paisagem dos sertões, procuramos uma reformulação do método de estudo da paisagem, esta aqui enfocada como um **fenômeno experienciado e inserida numa discussão da cultura**. Nesse sentido identificamos autores que conceituam o termo paisagem sob uma perspectiva total e holística, não apenas em seus aspectos físicos, mas também sócio-culturais e perceptivos. Por isso, interessamos uma nova sensibilidade em relação à paisagem, natureza e cultura, que nos ajudem a interpretar os diversos ambientes do lugar e suas relações com os processos de transformação.

Sandeville Jr. (2005, p.5) propõe que o estudo da paisagem deva estabelecer implicações entre nossas práticas e o processo desse conhecimento, ao afirmar que:

A nós, enquanto pesquisadores e profissionais, cumpre investigá-la, contribuindo para a discussão do resultado (processo) de nossas ações e dos valores implicados nessas práticas e dos modos de sua atribuição. O estudo da paisagem aponta assim para uma abordagem que demanda **complexidade metodológica**, um estudo do espaço e uma vivência (que consideramos fundamental à compreensão da paisagem), que convergem numa discussão da **cultura**, sem a qual não há paisagem. (grifo nosso).

Paisagens não são apenas formas, mas universos de significação, ações da natureza e das gerações e isso é totalmente coincidente com a abordagem de cultura. A cultura como experiência de vida, a cultura do espaço e das representações da paisagem, dos valores imbricados nesse espaço. Todo o enfoque dado nesse estudo da paisagem é uma discussão da cultura como experiência de vida. Segundo Sandeville Jr. (2004, p.2), “[...] o melhor modo de começar o estudo de uma paisagem [...] está sim no reconhecimento que a traz para o universo da cultura e concebe seu sentido dependente de experiências partilhadas”.

Partindo desse pressuposto de que paisagens são experiências partilhadas, são vivências e essas vivências só podem existir enquanto uma experiência coletiva, social, e se falamos de sociedade, estamos falando de construção social do espaço. As sociedades organizam seus territórios em função de suas necessidades e valores, definindo suas condições de existência. As paisagens expressam esses modos de organização, suas formas estão plenas de

conteúdo inerentes à sociedade e construídos historicamente. Então há uma dimensão a ser interpretada que é o **sentido social da paisagem**, o que coloca em evidência o próprio papel social do arquiteto enquanto agente propositivo desse espaço. Quando falamos de experiências espaciais não podemos desconsiderar isso.

Pois a paisagem não é passiva, mas ativa, dinâmica e temporal; testemunha de uma história/ memória que se constrói no tempo e manifesta-se no espaço e isso tem a ver com a natureza **processual** da paisagem, pois ela é espacialidade e temporalidade. A Idéia da paisagem como um retrato cartográfico imobilizado pelos geógrafos físicos e pintores é um problema, pois trabalha apenas com o estereótipo de uma representação da paisagem, ou de sua forma ou figura, desvinculando-a de sua **natureza processual complexa**, simplificando-a, sem compreendê-la em sua totalidade.

Ou seja, a paisagem é um mosaico de tempos acumulados, de forças naturais e humanas agindo sobre ela, e por isso é tão complexa. E envolve principalmente a nossa visão de mundo. Nesse sentido,

discutir a paisagem, é discutir como nos vimos, como nos vemos, como gostaríamos de ser vistos e como seremos vistos nessa estrutura social. É, nesse entendimento, estabelecer uma discussão da nossa cultura, das implicações políticas e sociais das nossas condutas. Por isso precisamos experimentar uma paisagem. (SANDEVILLE, 2005, p.9)

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Portanto experiência é sensação, é percepção, concepção, é emoção, é pensamento.

A experiência está voltada para o mundo exterior. Assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar significa atuar sobre o objeto e criar a partir dele, e o objeto não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser percebido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma interpretação dentre as muitas outras que o objeto possa ter, pois cada sujeito tem uma percepção ou interpretação diferente, carrega consigo um mundo de significações.

Pensamos a paisagem enquanto construção, enquanto processo histórico e social; e interessa-nos as visões de paisagens dos moradores dos sertões, considerando as representações produzidas e reproduzidas no conjunto da população, os significados culturais que permanecem em seu cotidiano; ou seja, a construção da paisagem enquanto processo criativo e intersubjetivo.

O estudo da paisagem em todas as suas dimensões e na interação entre elas se ocupa dos aspectos de conteúdo

material e simbólico, dos elementos naturais e artificiais da paisagem, que interagem, incluindo necessariamente a experiência e as subjetividades da vida humana. (OLIVEIRA, 2002, p.230)

Segundo Oliveira (2002, p.226) *"a construção de uma paisagem se faz através da hibridação dos processos naturais e sociais, inseridos em uma cultura depositária de um arsenal de mitos, lembranças e obsessões"*. Segundo Schama (1996:) *"a paisagem compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de extratos de rocha"*.

Por este mesmo viés, concordamos com Berque (1995), quando ele afirma que: *"A paisagem não é um objeto. Para compreendê-la, [...] é preciso também conhecer as determinações culturais, sociais e históricas da percepção – aquilo que constrói a subjetividade humana"*; ou seja, ao estudar uma paisagem, você não age sobre um objeto inerte, a paisagem acontece e se transforma independente de estar sendo estudada ou não.

A paisagem não é objetiva, ela é processual e cheia de significados. Com isso estamos reforçando nossa posição de pensar a paisagem a partir da relação com os usos que se estabelecem nela, pressupondo a ação humana como fato histórico ocorrido num determinado lugar. E se a paisagem tem história, ela própria é o testemunho, o registro dos processos naturais e culturais que nela incidiram no tempo e no espaço. Nesse sentido, a paisagem está condenada a conservar cicatrizes, pois tais processos estão presentes na paisagem.

Procuramos estudar as paisagens dos sertões de Ubatuba em sua **dimensão temporal**, incorporando o fato ou ação no decorrer de determinado tempo, na existência das pessoas do lugar, vista a partir de uma perspectiva histórica e social.

Retomando a questão dos significados da paisagem e de seu entendimento através da vivência do lugar, focamos a atenção no pensamento de Lucy Marion C. P. Machado, que vem de uma corrente humanística da geografia, e nos traz enorme contribuição no estudo da paisagem baseada na experiência dos usuários.

Segundo Machado (1988, p. 8),

O valor da paisagem vivida se dá através de um relacionamento mais direto, cotidiano e prolongado que individualiza o lugar deixando-o especial, com respostas mais afetivas que refletem necessidades cotidianas prementes, num nível mais restrito. A paisagem é encarada com bases perceptivas e impregnada de significados e valores.

A paisagem não é apenas essa tão importante estrutura holística que a embasa e lhe dá forma e fisionomia. Ele é também, cenário de um mundo vivido, onde as pessoas nascem, crescem, se locomovem e se orientam, tocam, cheiram, ouvem e sentem, gostam, [...] enfim, passam toda a sua vida. Como consequência, se tornam um problema humano. Envolve uma intensa experiência humana com os lugares e suas paisagens. (MACHADO, 1988, p.10).

Cada pessoa vivencia, experimenta e prefere paisagens de modo heterogêneo - moradores, visitantes, viajantes têm diferentes contextos de interações com as paisagens, pois cada indivíduo traz consigo sua vivência, sua memória...

Segundo Machado (1998, p. 40), *"se a paisagem não se separa da experiência e da vivência humanas, não podemos falar de paisagem a não ser a partir de sua percepção ou interpretação"*:

O homem apreende a paisagem num contato direto do observador com o objeto, na vida cotidiana das pessoas, incluindo nossas experiências passadas. [...] É, portanto, o homem quem percebe e vivencia as paisagens, atribuindo a elas significados e valores. Isso, sem dúvida, reclama do pesquisador **outros procedimentos de estudo e análise, enfocando a paisagem na percepção do meio ambiente.** (MACHADO, 1998, p.40, grifo nosso)

Segundo Machado (1988, p.14), *"uma paisagem é definida do ponto de vista de quem a observa, sendo, portanto uma experiência onde o sujeito e o objeto são inseparáveis [...] a paisagem se apresenta aos sentidos humanos, trazendo significados variados"*. Conforme propõe Sandeville Jr. (2005), a paisagem enquanto 'experiência partilhada', dá ao pesquisador a possibilidade de repartir, de partilhar sentimentos, práticas, conhecimentos e memória, conjuntamente com quem produz e vive a paisagem estudada.

Então é preciso ampliar as técnicas de investigação, incluindo nossas experiências passadas, nossas percepções e expectativas para o futuro. [...] Soma-se o fato de que o conhecimento é seqüencial, pois cada mundo particular tem uma história própria e seu próprio tempo, como a paisagem; [...] portanto somos determinados pelo que éramos quando crianças e pelo que estamos experienciando agora, no presente. (MACHADO, 1998, p.39).

Nesse sentido, recorreremos a Ecléa Bosi para tratar dos assuntos relacionados à

memória e experiências passadas. Bosi (2003, p.442) defende que “*não há percepção que não esteja impregnada de lembranças*”. A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. A autora constata que colhendo narrativas de grupos determinados, podemos reconstruir certas paisagens.

Lembranças, memória, história, mitos, representações, cultura... Isso nos remete a uma compreensão histórica do objeto, de forma a reconstituir as paisagens. Nesse sentido vamos tentar *re-construir* as paisagens dos sertões, a partir da história de sua formação, inserida no contexto sócio-espacial da organização do município.

Vejamos:

A formação dos sertões

A história da formação dos sertões de Ubatuba remonta à década de 70, com a explosão turística do município que causou uma série de transformações sócio-espaciais, decorrentes da especulação imobiliária, do aumento da população residente e da procura por residências secundárias. O aumento da demanda por áreas privilegiadas por sua localização perto da orla, por serviços e infraestrutura, favoreceu a especulação com a terra, que sofreu uma intensa valorização, dificultando assim o acesso da parcela mais pobre da população a essas áreas.

Por volta de 1970 já se iniciava o movimento de destruição da economia caçara e da expulsão dos posseiros tradicionais, numa ação concertada pelo grande capital paulista de especuladores e das transnacionais de turismo. Com a vinda desses grandes capitais, os caçaras, iludidos com a quantidade de dinheiro venderam suas terras e foram viver na cidade, onde mal puderam comprar uma pequena casa. Acabaram marginalizados, pois só conheciam a pesca e rudimentos de lavoura e não tendo condições de obter um pedaço de terra próximo aos serviços, foram levados para as periferias, onde o valor da terra é inferior e os serviços precários.

O turismo então diversificou as atividades econômicas voltadas ao seu desenvolvimento; porém sem diretrizes que ordenassem as mesmas no contexto de desenvolvimento global da cidade. Provocou a dinamização do terciário através do comércio de alimentos, artesanato, hotéis e restaurantes, e; sobretudo do setor secundário, com a construção civil, que é o setor mais dinâmico do município, responsável pelo maior volume de recursos em circulação e geração de empregos.

Contribuindo para agravar esse quadro, a construção civil decorrente da demanda por segundas residências ocasionou uma atração de migrantes de outras regiões empobrecidas do país, baseada na oferta de mão-de-obra não especializada. Essa população migratória, sem condições de adquirir um pedaço de terra na cidade, também foi levada a ocupar as periferias,

agravando ainda mais os problemas dessas ocupações.

Surgiram então diversos bairros periféricos de trabalhadores migrantes e caiçaras "sem terra", afastados da orla marítima, com ocupações desordenadas, sem características definidas e com baixa qualidade de vida, modificando assim a estrutura social urbana de forma segregativa. Esses bairros foram mais tarde denominados **sertões**, e são assim reconhecidos até os dias atuais, inclusive pelos próprios moradores.

Com o fluxo da população fixa e flutuante, houve uma grande demanda de infra-estrutura e serviços, a qual a cidade não conseguia atender, acarretando sérios problemas físicos, sociais e econômicos. Esta situação resultou no comprometimento da qualidade de vida da comunidade como um todo, e especialmente das classes mais pobres.

A construção da BR-101 foi outro elemento estruturador na configuração territorial do município que contribuiu ainda mais para a **segregação espacial** e formação desses bairros periféricos; pois dividiu a cidade, ficando de um lado os bairros valorizados próximos à orla, e de outro os sertões, mal-servidos de infra-estrutura e serviços. Ela foi indutora de um desenvolvimento aleatório, pois não houve planejamento para sua construção, o que contribuiu para um crescimento desordenado e sem critérios.

A Rodovia foi projetada sem os cuidados técnicos necessários, ocasionando impactos irreversíveis sobre o meio ambiente e também sem levar em conta os impactos sócio-econômicos que ela causaria à população. A partir desta realidade nos questionamos sobre o papel desta rodovia para o município e para o país, e o porque de ela ter sido construída sem um planejamento físico e sócio-econômico adequado à cidade. Portanto a construção da rodovia foi uma decisão de força econômica que fazia parte das políticas de desenvolvimento nacional.

Segundo Soares (2005, p.47), a construção da BR era um dos temas mais discutidos pelos moradores e visitantes nessa época. Caiçaras, políticos e empresários todos se mostraram envolvidos e/ ou preocupados com as possíveis conseqüências desta construção para o meio ambiente, para a população caiçara e conseqüentemente para o surgimento do turismo nessa região.

Podemos observar que os interesses econômicos, por muitas vezes se sobrepuseram aos interesses da comunidade local. Assim,

A rodovia trouxe o desenvolvimento tão almejado por grande parte dos políticos e dos empresários da área de turismo, trouxe o progresso. Mas este, através de uma dicotomia interessante significou ao mesmo tempo o desenvolvimento econômico e a destruição dos antigos

meios de sobrevivência do povo caiçara. (SOARES, 2005, p.47).

A construção da rodovia é uma forma de materializar a imposição de um pensamento desenvolvimentista que dificilmente poderia se vincular à realidade do povo caiçara. As rodovias aumentaram o contingente populacional da cidade, sem que esta estivesse preparada para tal fenômeno, possibilitou o ingresso de um público novo que passou a freqüentar a cidade durante as temporadas e finais de semana e conseqüentemente produziram uma nova cultura local resultante das premissas caiçaras somadas às manifestações até então exteriores à região. (CIVITA, apud SOARES, 2005, p.48).

Sobre isso nos fala o caiçara Genésio dos Santos, que conta, com sua simplicidade, o que descrevemos:

[...] os moços e moças que estão aqui me ouvindo podem não saber, mas antes também tínhamos grande fartura de bichos do mato, como as queixadas e pacas. Mas houve a grande explosão de pedras para fazer a Rio-Santos e todos os bichos fugiram assustados. Essas explosões abalaram o equilíbrio da floresta. E com a Rio- Santos o progresso chegou de vez. Antes não tinha estrada de rodagem, vivíamos sem condução. A pessoas viajavam o dia todo para chegar ao centro de Ubatuba, iam a pé. Vê-se que as coisas estão muito diferentes. (depoimento do caiçara Genésio dos Santos, 74 anos, morador do Camburi, In: FRENETTE, 2000, p. 68 – 71).

A atual organização espacial do município é o reflexo desses processos e as diferenças de classes presentes nessa distribuição são bastante evidentes, o que nos leva a questionar qual o real motivo dessa segregação. Os processos de especulação imobiliária são em grande parte causadores da segregação espacial, com a produção de espaços altamente valorizados e a conseqüente expulsão das camadas populares para a periferia.

Essa segregação é provocada também pela dinâmica da reprodução da força de trabalho existente na cidade, que se caracteriza pelos baixos salários, pela alta rotatividade no emprego e principalmente pela ocorrência de desemprego fora de temporada, fruto da sazonalidade turística presente no município, o que é agravado pela falta de um planejamento espacial e habitacional do município:

O maior comprometimento na qualidade de vida desta classe é o problema habitacional que esta vem enfrentando tanto na qualidade de sua habitação quanto em seu acesso a ela. Este processo de empobrecimento faz com que muitos indivíduos busquem, na ocupação de áreas públicas e de preservação ambiental, os meios de solucionar a problemática habitacional. Desta forma, burlam os mecanismos de vigilância e de fiscalização pública e ambiental e constroem barracos ou casas precárias em encostas de morros, favelas, mangues e beiradas de rios, descaracterizando e degradando áreas de preservação ambiental. (LOPES; ALVES; FRANÇA; NEVES; BATISTA, 2002, p. 79)

As causas estão na deterioração salarial, no aumento dos preços das terras e dos aluguéis, na especulação fundiária e no desemprego, provocando o processo de favelização e de ocupação das periferias. Este problema mostra de forma clara a segregação espacial segundo os grupos de renda.

A segregação aí constituída é uma determinada "geografia" produzida pela classe dominante, e por meio da qual esta exerce seu domínio através do espaço urbano. "*Portanto a segregação é um processo necessário ao domínio social, econômico, e político por meio do espaço*". (VILLAÇA, 1998)

Decorrente desses processos constata-se em Ubatuba um número significativo de "sertões" (bairros periféricos), onde habita a maior parte da população fixa da cidade e até de favelas em início de ocupação.

A implantação da rodovia maximizou o processo de "periferização" em direção aos sertões, espremendo-os cada vez mais em direção à mata e em locais de difícil acessibilidade. Nestes locais a precariedade foi se tornando mais nítida, remetendo ao entender de uma "*periferização dentro da própria periferia*". Existe um grande distanciamento desses moradores dos sertões com a sociedade capitalista em sua realidade turística.

[...] as imagens dos turistas em suas mansões de temporada contrastam-se com as imagens dos moradores das áreas excluídas, com a precariedade e com o perigo, muitas vezes eminente, das casas construídas nas encostas dos morros ou em beiras de rios. A riqueza choca-se com a pobreza e cresce o número de indivíduos que sobrevivem catando latinhas, guardando carros ou trabalhando como ambulantes. O número de indivíduos excluídos do mercado de trabalho formal torna-se maior, não só pelas transformações que o mundo do trabalho está sofrendo, mas também pela especificidade do município, que

sobrevive de uma economia sazonal: na temporada de verão o fluxo monetário é intenso e no restante do ano a maioria da população passa por dificuldades financeiras, empobrecendo dia a dia. (LOPES; ALVES; FRANÇA; NEVES; BATISTA, 2002, p. 78)

Segundo Lopes (2002), *“o apelo turístico-idílico do convívio com a paisagem natural torna-se cada vez mais seletivo, dividindo o município em lugares e não-lugares, restringindo a circulação da população pobre a estes últimos”*. Mas, como será o cotidiano da população deste “não-lugar?” Que imagens se produzem em seu cotidiano de exclusão e como elas contradizem ou conflitam com as imagens da cidade? Que paisagens vivem e percebem esses moradores?

“Re-construção” da formação dos sertões: um recorte para entendimento

Tendo em vista a investigação dessas questões, definimos uma área focal – o Sertão do Poruba, na Costa Norte de Ubatuba. O recorte foi necessário para que pudéssemos dar conta da teia de conflitos existentes no lugar, conseguindo assim, aplicarmos os métodos propostos. Esse bairro foi escolhido por possuir uma ocupação mista de descendentes de caçaras, presentes no lugar desde a época dos escravos, e de população migrante proveniente de Minas Gerais, que ocupou a área após a construção da rodovia Rio-Santos, fato que acabou transformando as relações do lugar. Acreditamos que essa especificidade trouxe uma riqueza de significados que nos instigaram em nossa investigação.

Cabe aqui uma observação. A formação do sertão do Poruba sofreu um processo parcialmente diferenciado em relação à tendência dominante existente nos processos de produção espacial da grande parte dos sertões e bairros periféricos do município, na medida em que os primeiros ocupantes do lugar chegaram num momento anterior à construção da rodovia e dos processos de deslocamentos de classes ocasionados pela especulação imobiliária.

Tal fato não nega, entretanto, os processos mais atuais de produção desse espaço (a partir da construção da rodovia), os conflitos que se formaram após a chegada de pessoas de fora produzindo transformações sócio culturais e econômicas, impactos nos modos de vida local e a degradação deste lugar em seu cotidiano de exclusão. São especificidades difíceis de se apreender na investigação dos processos de constituição do espaço urbano como um todo, mas imediatamente apreendidas numa investigação pontual. São complexidades que podemos dar conta apenas ao nos aproximarmos e vivenciarmos o lugar.

O fato de haver a existência de uma comunidade caiçara proporcionou-nos uma aventura pela história desse povo “*agricultor – pescador – pobre que povoou quase ininterruptamente o litoral brasileiro*”. (MARCÍLIO, 2006, p.17). A não existência de documentos oficiais a respeito da história dos caiçaras do Poruba limitou nosso método à compreensão dos fatos a partir das narrativas de seus moradores.

Sendo pobres, iletrados em sua maioria, moradores da periferia, das periferias do mundo colonial, quase toda a história desses agricultores- pescadores humildes não foi registrada, nem por eles, nem por seus dominantes. E justamente aí reside a grande dificuldade e o grande desafio de se pretender fazer a história dos vencidos, dos povos “sem história”. MARCÍLIO (2006, p. 18).

Nesse sentido, na tentativa de compreender a construção da paisagem do sertão do Poruba a partir de nossa idéia do que seja uma paisagem, utilizamos os conceitos e métodos da chamada “História Nova”, ou “História das mentalidades”, que ampliou os horizontes da História tradicional. A História Nova propõe uma compreensão dos fatos sem restringir fontes ou abordagens, ampliando as possibilidades a partir de documentos não oficiais, relatos/memória de pessoas comuns, do cotidiano social, valorizando o lado humano e cultural; fato que vai de encontro à nossa visão de paisagem como experiência.

A partir desse pressuposto, utilizamos, além da consulta à literatura existente (oficial), métodos de investigação em campo, através da percepção dos habitantes, da interpretação, de narrativas e entrevistas; objetivando compreender os processos sócio-culturais e paisagísticos e as especificidades do lugar. A investigação em campo consistiu também de percursos e observação participante, a fim de explorar os diversos modos de vivenciar aquela paisagem.

Recorremos novamente a Bosi (2003, p.88), que nos chama a atenção para a importância da narrativa na reconstrução social do espaço; segundo ela:

A narrativa é uma forma artesanal de comunicação que não está confinada nos livros. O narrador tira o que narra da própria experiência em determinado ambiente. Cada um dos ‘lugares especiais’ representa uma experiência vivida, e penetrar nesses lugares é conhecer as aventuras e afetivas de seus usuários. (BOSI, 2003, p.88).

Segundo a autora, “*a paisagem está fortemente ligada à origem e à raiz [...]*”

temos com a casa e com a paisagem a comunicação silenciosa que marca nossas relações mais profundas [...]". (BOSI, 2003, p.442).

As narrativas contribuem para a compreensão do lugar e sugerem novas questões e orientações para a pesquisa, pois mesmo com suas particularidades, cada história é uma "peça do mosaico" para constituir uma memória coletiva que nos ajuda a compreender aspectos da realidade do lugar. Não objetivamos substituir os documentos oficiais pelos relatos orais, e sim compreender através das narrativas, "o que fica, o que significa" (BOSI, 2003, p. 67) dessa trajetória.

Como instrumento de investigação, utilizamos algumas questões-chave que nos ajudaram na interpretação do objeto:

Quais os aspectos históricos de evolução das paisagens dos sertões na visão dos moradores? Como a comunidade local percebe a paisagem, como se relaciona com ela, como percebe sua dinâmica? Que paisagens vêem esses moradores? Como os habitantes locais enxergam, vivenciam esses processos? O que os levou a ocupar tais ambientes?

O Sertão do Poruba

O povoado do Poruba situa-se na região norte do município de Ubatuba, no extremo Norte do Litoral Paulista, entre os bairros-praia do Promirim e do Ubatumirim e está distante 24 km do centro da cidade. Essa região é caracterizada por ser bastante preservada e com baixo fluxo de turistas, em relação às áreas centrais e Sul do Município, e é protegida por uma unidade de conservação – o Parque Estadual da Serra do Mar – administrada nessa região pelo Núcleo Picinguaba.

No Poruba encontra-se uma comunidade tradicional de caiçaras, considerada como uma das últimas comunidades tradicionais da região. O assentamento possui um belo cenário paisagístico com a visão da Serra do Mar e da Bahia do Ubatumirim, mantendo ainda um ambiente rural e inserido na mata. O contraste está em situações de degradação do meio ambiente, com a poluição do córrego e os desmatamentos.



Imagem1: localização de Ubatuba.

Fonte: SETUR - Secretaria Municipal de Turismo de Ubatuba, 2006.

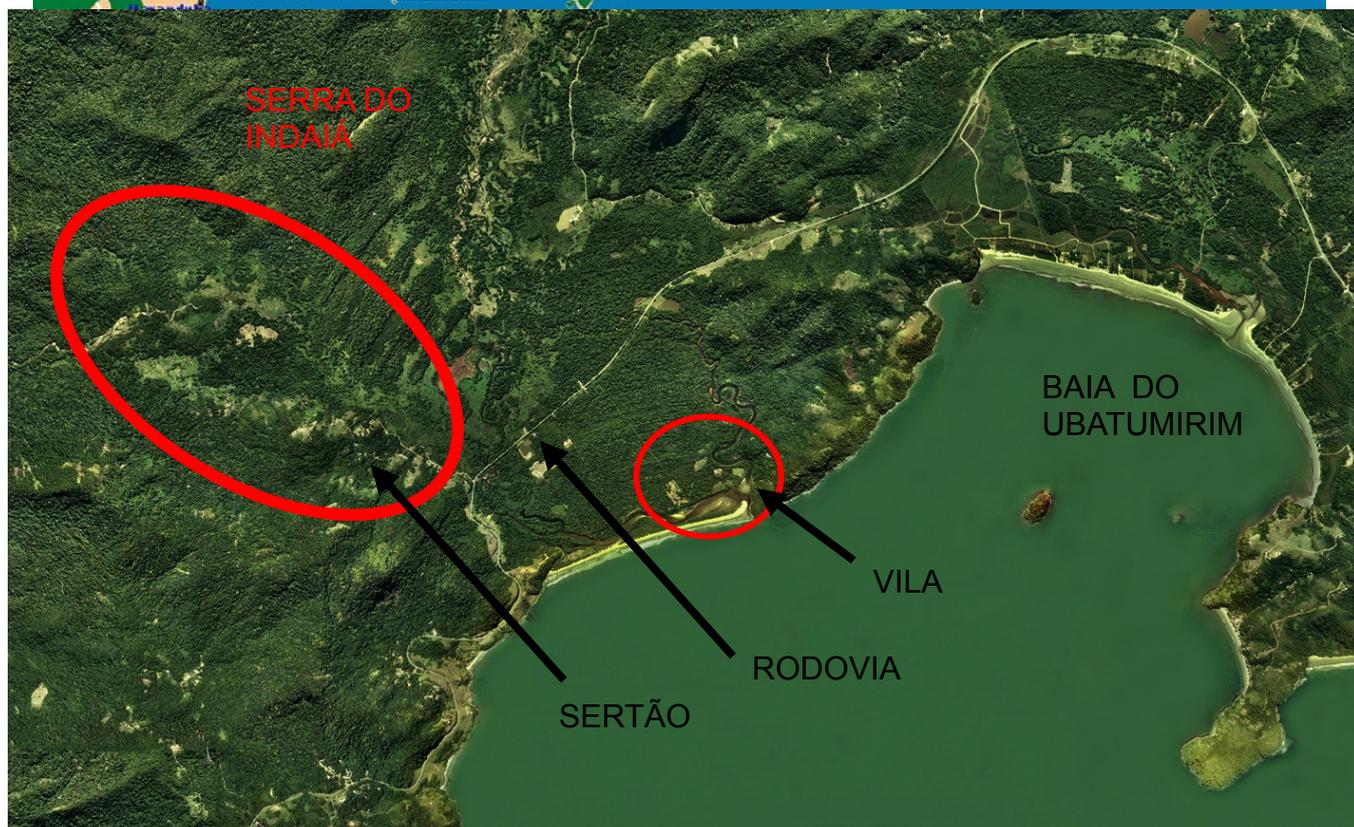


Imagem 3 : imagem aérea do Poruba mostrando o sertão, a vila da praia e a rodovia. Fonte: Prefeitura Municipal de Ubatuba, 2006.

Poruba, em tupi-guarani, significa “zunido” ou “eco”, que segundo seus moradores, é o ‘eco’ trazido por um dos rios que emana da serra e corta toda a colina, passa pelos mangues e forma um lago até desaguar na praia.



Imagem 4: imagem aérea do sertão Poruba. Fonte: Prefeitura Municipal de Ubatuba, 2006.

Atualmente o sertão do Poruba é composto basicamente dos descendentes de duas famílias: uma é composta pelos descendentes dos caiçaras e índios, fundadores da comunidade do sertão há cerca de quatrocentos anos - os "Fernandes" - a outra é originária de migrantes vindos de Minas Gerais que se instalaram no sertão após a construção da rodovia. Alguns ex-turistas de cidades próximas completam a ocupação da área.

A produção do lugar que originou o Sertão do Poruba iniciou-se há cerca de 170 anos, segundo relatos de antigos moradores, com a família de Dona Doroteia Fernandez, uma negra escrava que veio descendo a partir da serra até se fixar nas margens do rio. A organização espacial do lugar se formou na medida em que as pessoas foram chegando e ocupando os espaços próximos ao rio, construindo casas de barro cobertas com sapé nas escarpas das montanhas da Serra do Mar.

O relato do Seu Angelino, caiçara de 83 anos, retrata bem isso:

Eu tô com 83 anos, nasci aqui, meus pais nasceram aqui no sertão, eles que começaram o bairro, lá em 1800 e tanto. Mas eles não foram os primeiros, começou desde os pais dos meus pais, que vieram de lá pra cá, foram vindo de cima pra baixo, aqui pra dentro, desde o caminho da serra lá no alto, até chegar aqui no sertãozinho. É do tempo dos escravos, minha avó era escrava e já morava aqui, numa casa lá em cima. Tinha um casal de preto velho, de beijo grande, todos moravam aí no sertão, eu me lembro deles. Essa casa aqui é de 1981, antes eu morava aqui também, mas era de barro, coberta de sapé, depois reformou. Nasci lá em cima na casa do Dito, meu irmão.

Nesta época, a maioria das roças, moradias e fazendas de Ubatuba estavam dispostas ao longo de suas inúmeras praias, no entanto, havia também aquelas levantadas no interior das terras, no sertão, ou "mato dentro". Elas estavam ligadas entre si, formando grupos de localidade ou de vizinhança, os "bairros rurais", por meio de veredas ou picadas, segundo atesta Marcílio (2006, p.42).

Os antigos trabalhavam na roça, na lavoura, plantavam milho, café, cana de açúcar. Nesse regime de agricultura de subsistência, os homens viviam dispersos em pequenas comunidades, em suas roças e fazendas, em meio a clareiras na mata, ligadas entre si e com o centro urbano por relações econômicas e por dependências políticas e religiosas. Na virada do século XVIII, as terras dos caiçaras estavam organizadas dentro desse sistema agrícola de economia camponesa. O sistema de produção do caiçara estava organizado para responder, primeiramente, às necessidades do grupo

doméstico, era uma sociedade calcada na família.

O Poruba, como outros lugares da região Norte do município, manteve-se intacto e fiel a essa cultura até a construção da estrada, quando então foi “descoberto” pelos turistas e passou a sofrer influências em seus costumes e na configuração do assentamento. Por conta da construção da BR-101 na década de setenta, o Poruba separou-se em sertão e vila da praia, como aconteceu com grande parte dos bairros do município.

Além disso, a construção da rodovia ocasionou uma atração de pessoas de fora, que, após a finalização das obras, instalaram-se nos morros, de forma não organizada. Esta ocupação iniciou-se com um dos trabalhadores da firma que construiu a estrada, proveniente de Minas, que aos poucos foi trazendo seus parentes para o lugar. Depois vieram outros, que trouxeram suas famílias, constituindo assim uma ocupação desordenada.

Nesse processo de ocupação, a área foi se configurando de forma heterogênea: mais próximo às margens do rio estão os primeiros ocupantes, os descendentes da família de Dona Doroteia Fernandez. Os outros ocupantes, da família dos mineiros se instalaram ao redor desse núcleo, espalhados pelo morro.

A partir de 1977, a comunidade do “sertão do Poruba” encontrou-se inserida dentro do Parque Estadual da Serra do Mar, situação geradora de inúmeros conflitos. As terras são irregulares e atualmente os moradores estão sendo ameaçados de expulsão de suas terras, pois a administração do Parque Estadual acredita que todos os moradores se fixaram lá depois da criação do Parque. Segundo Marcelo, morador do sertão e descendente da família dos Fernandez,

“Eles acham que a gente veio pro Poruba depois que abriu a Rio Santos, e na verdade não é isso, na verdade a gente tá ali no sertão há uns 300 anos, porque vai morrendo os mais velhos e ficando os mais novos. Infelizmente muitos foram embora, mas mesmo assim, com as dificuldades, a maioria permanece, consegue um trabalho aqui, outro ali e permanece no sertão. Meus tios e avós contam histórias de 80 anos atrás, e também histórias que os avós deles contavam”.

“O Parque quer tirar o pessoal do sertão. Eles estão fazendo uma pesquisa, pois acham que o pessoal foi morar no sertão depois da construção da estrada, por isso eles estão fazendo essa pesquisa, por causa da preservação do Parque. Porque o Poruba é a região mais preservada aqui desse litoral, sempre que tem reunião, qualquer coisa que se quer fazer no Poruba o Meio Ambiente não deixa, porque é a menina dos olhos deles. Mais do que Almada, mais do que tudo”.

Atualmente, da descendência caiçara, moram apenas as famílias do Angelino Fernandez, da Mariana, do Dito e da Maria Dita, que são nascidas e criadas lá, (netos da Dona Doroteia); o resto foi chegando depois. Antes eram 8 irmãos ao todo, 5 homens e 3 mulheres e alguns primos, mas eles foram indo embora e vendendo as terras, ficando apenas as 5 famílias. Depois da construção da estrada aumentou muito mais a chegada de pessoas de fora.

No sertão não há características definidas, os lotes das casas não têm limites definidos, são como chácaras, porém sem cercas, apresentam dentro do terreno, uma ocupação "aleatória", muitas vezes ocupando áreas em grandes declividades, sem recuos determinados. Predomina a autoconstrução, mas é um assentamento consolidado, dado a estruturação de infra-estrutura e construção, que na maioria é de alvenaria.

Ficou clara a diversidade de relações da paisagem com a cultura: o homem se apropriando da paisagem de diferentes formas. Tal processo exemplifica-se pelas situações em que a ausência de espaços apropriados de convívio cria esses lugares dentro do espaço público como as ruas e trilhas, por exemplo, espaços coletivos de brincadeiras e encontros. O rio é um atrativo para a maioria dos moradores, mesmo estando "seco" na opinião de alguns deles. As crianças brincam no rio e na cachoeira, os mais velhos gostam de sentar e olhar a paisagem.

As comunidades do Poruba se encontram num período de transição entre suas características rurais e urbanas, habitando num ambiente ameaçado por interesses imobiliários e pelo turismo não planejado. Preservam os costumes tradicionais, porém, apresentam hoje uma maior descaracterização da cultura caiçara.

Vejamos como os moradores representam essas passagens através de alguns relatos obtidos em visita ao local.

Depoimento oral do Sr. Angelino Fernandez (83 anos), morador do sertão do Poruba, descendente da família Fernandez. Entrevista realizada por nós em outubro de 2006:

Ah! o pessoal tá tudo morrendo, não vai mais sobrar ninguém pra contar as histórias. Aqui era tudo da mesma família, agora é que tem uns desconhecidos, de São Paulo, de Minas. Meu pai era o Marcolino Fernandez. Agora só tenho dois irmãos aqui, o Dito e a Mariana. O Dito dançava congada, agora coitado, não agüenta mais, esta sem visão, não enxerga mais nada. Tem duas irmãs que são mortas, a Lourdes e a França. Minha mãe era a Ana da Costa Brandão, o nome daquela rua ali.

Eu tenho saudade de quando era criança, moço, fico lembrando, andava por todos esses matos, pelos costões. Eu pescava muito. Antigamente tinha rio aqui, agora virou só esse alagado, por causa da estrada né. As águas daqui secaram, ficou só esses laguinhos aí. Não tem ninguém que pesca mais.

Minha avó era a Doroteia, mas quando ela morreu eu ainda era pequeno. Tenho um filho na cidade, outro mora em Parati, aqui só ficaram as mulheres, elas cuidam de tudo. A gente gostou quando fez a estrada, mas só que fizeram mais alta que a várzea, aí secou o rio. A água vem e pára tudo aí. Chove e enche tudo. Antigamente quando não tinha a estrada, podia dar a enchente que desse mas a água ia pro mar, agora não, fizeram tudo errado.

Agora tem bem umas cinquenta famílias aí, mas tudo misturado. Lá em cima também tem mais gente, mas só cinco famílias que são nascidas aqui. É a minha, a da Mariana, do Dito e da Maria Dita. Esses são da minha família, nascidos e criados aqui. O resto foi chegando depois. Depois da estrada. Alguns foram saindo daqui e vendendo, e só ficou nós cinco. Antes eram cinco homens e três mulheres, oito ao todo. O resto foi tudo embora, morava primo também, mas venderam e saíram todos. Depois da estrada encheu dessa turma aí de fora, porque lá embaixo tinha a firma que limpa a estrada.

Agora eu não faço mais nada, não da pra pescar, caçar, nem passear tenho ido mais, fico mais em casa, aposentei. Antigamente não tinha essas coisas, agora não pode mais fazer nada. Mas sei que aqui começou com meus avós. Meu avô por parte de mãe eu não conheci, só por parte de pai, até pouco tempo ainda existia a casa dele ali em cima. Tinha umas três casas aí pra cima e umas dez pra baixo, no caminho do rio, na beira do rio. Eles trabalhavam na roça, na lavoura, plantavam milho, café, cana, comia tudo da roça que eles plantavam. Ai foi aumentando a família. Quando eu era "grandinho" eu já ia fazer roça, agora, de uns tempos pra cá ninguém quer plantas mais.

Meus filhos, meus netos, ninguém quer saber. E mesmo se quisessem não pode por causa da Florestal. Não deixam. Se cortar um pé de mato...e pra roçar precisa cortar. Se cortar um matinho dá multa. Eles trabalham em emprego no Centro, em firma, no bananal. Tem um filho meu que trabalha no Prumirim de caseiro e cuida do bananal do

patrão. Outro trabalha na Prefeitura. Quando arruma emprego dá pra viver, mas se não arruma...

O turismo de massa contribui para a desorganização das atividades tradicionais, criando uma nova demanda nas altas temporadas, quando muitos caiçaras se transformam em prestadores de serviços. São agregadas novas práticas aos costumes locais, novos anseios que trazem conflitos ao modo tradicional local.

Os velhos caiçaras, cujas famílias, através de gerações, viveram e cultivaram suas roças, em terras que por direito eram suas, formam hoje uma humanidade de desempregados e subempregados, *"divididos psicologicamente entre um passado de 'fartura' e um presente de desorientação, miséria e revolta"*. (MARCÍLIO, 2006, p.24).

As populações que tradicionalmente vivem no sertão, vêm de maneira diferente a apropriação desses espaços pelo Estado, com a transformação do lugar em Parque em 1977 (D.E. 10.251), lugar que até então era "seu". O habitat e os modos de vida são destituídos dessa população de forma imposta, sem um planejamento de inserção dessas comunidades na paisagem. Isto significa cortar as raízes desse povo com o lugar, interrompendo sua história de vida, seus mitos, seu "saber-fazer". Essa comunidade tem uma representação simbólica desse espaço que lhe fornece os meios de subsistência, os meios de produção e as relações sociais. A apropriação desse lugar pelo Estado aumenta as dificuldades para essa comunidade continuar existindo como grupo detentor desse modo de vida tradicional.

Notamos que os moradores mais antigos possuem com o lugar um forte sentido de pertencimento e valorização da terra, do rio, pois tudo isso faz parte de toda a sua trajetória de vida, de seu imaginário.

Já os mais jovens têm uma outra visão da realidade, conseguem compreender as transformações do lugar e se adaptar melhor a elas:

Depoimento oral de Marcelo, morador do sertão do Poruba, 30 anos, descendente de caiçara da sexta geração da família que ocupou o local. Atualmente trabalha na Prefeitura. Entrevista realizada por nós em outubro de 2006:

Eu sou da sexta geração. Eu vi meu bisavô morrer com 100 anos. Antes dele já moravam os pais dele. Descendentes de índios com escravos, na época a bisavó dele era escrava ainda. Minha bisavó morreu com 115 anos e era escrava também. Meu bisavô era índio puro. Nós somos mais civilizados um pouco, mas a turma vivia como índio. As casas eram de pau a pique cobertas com sapé.

Uma época nós fizemos uma cooperativa para plantar

palmito pupunha, a promotora até gostou da idéia. Porque a Avibrás está do nosso lado. Tinha um vereador na época, o Julio, que convenceu a Avibrás a ceder um pedacinho de terra, ai plantamos as mudas, arrumamos tudo, mas hoje não pode mexer mais em nada, foi trabalho perdido. O meio ambiente proibiu, alegando que ia devastar o parque. Eles acham que viemos depois da Rio-Santos, que a turma que veio construir a estrada resolveu morar ai. Mas não e isso, porque já tinha o pessoal morando aí. Quando não tinha a estrada, eles iam vender farinha, iam andando ate o Centro de Ubatuba e demoravam o dia todo, vendiam farinha, rede e compravam o que precisavam. Ou então voltavam de canoa.

Tem uma família só de mineiros, veio o chefe da família e trouxe todos os irmãos dele, mas é família grande. Ali foi minha avó que vendeu pra eles, o terreno era dela. Porque teve uma situação difícil, não tinha trabalho, não tinha nada, eles foram obrigados a vender terreno pra sobreviver, mas vendeu a contragosto, porque realmente precisou, porque meu avô não vendia, mas quando ele morreu e ela ficou numa situação difícil... ela não era aposentada, foi obrigada a vender para sobreviver. Tinha escritura e tudo.

Mas a gente está brigando por isso, junto com a Sapu (associação do bairro), para poder garantir a permanência das pessoas lá, pois o Parque quer remover. O Parque esta fazendo estudo, tem 2 estagiários que têm vindo aqui, mas nós estamos explicando pra eles, só que a Rita (a diretora do parque), não sabe. Ela nem sabe a realidade, nem de Ubatuba ela é. Quando o parque veio pra cá em 77 nos já morávamos aqui. Só que eles vieram e fizeram o Parque do jeito deles, na época não tinha a associação, então eles fizeram do jeito que foi melhor pra eles, não podia mais fazer nada, e ai o povo teve que começar a procurar outros meios de sobrevivência. Aí formamos a associação.

Bem antes, na época dos escravos, tinha um fazendeiro muito rico, com gado, que morava aí, o bisavô dele já morava aí. Aí ele abandonou tudo o que tinha e foi embora. Mas os descendentes foram continuando, sempre mexendo com a terra. Aí foi passando e muita gente foi indo embora para a cidade, vendia o pedaço que tinha e foi embora para Ubatuba ou Santos, em busca de melhores condições. Na época tinha muito serviço em Santos, então iam a pé, pegavam barco e iam pra Santos. Mas muitos não voltaram, e alguns ficaram aqui.

Ficou o Seu Angelino, meu avô, o seu Dito... aí voltou de novo a historia do Poruba. Ficaram só esses 5 irmãos no Poruba. Meu avô teve 16 filhos, faleceram 2 mulheres. Moram 4 com ele (sendo que uma é minha mãe) e os outros foram embora. Depois que alguns foram embora, e como a turma era muito humilde, eles venderam, pra Avibrás, pra esse pessoal de mineiros, e aí foi povoando. Veio também muito fazendeiro de fora, ricos, que tinham plantio aqui e queriam tomar no peito, brigavam pelas terras. Mas eles vinham tomar, porque sabiam que o povo era bobo.

Há uns 150 anos atrás, tinha os "Landa Maia"...a Avibrás veio e ele fez todo o meio de campo, tomavam conta das terras. Na verdade foram os advogados que passavam a perna no povo daqui e venderam tudo pra Avibrás e pegaram muito dinheiro. A Avibrás veio em 82 pra construir a fabrica de foguetes, só que ai na época o Parque não deixou. Era pra fazer aqui e mandar pra São José, mas aí eles foram pra Lorena. E as terras ficaram aí. Dizem que o governo vai indenizá-los e transformar em Parque.

O que restou dos antigos estão todos velhos, meus tios, minha avó... mas mudou a realidade. Não tem como mais mexer na terra, tem que se virar pra sobreviver. Nós, jovens, também queremos fazer outras coisas. Mas os antigos não aceitam isso. Por ela (minha avó) eles ainda plantam, fazem roca, por que eles estão acostumados com isso. E não faz mal pra ninguém. Só que se o Meio Ambiente pegar leva multa. Meu tio mesmo foi multado em R\$ 1.200,00, até hoje está pagando o parcelamento da dívida, mas não tem como desistir. Eles não entendem, eles estão acostumados com roça, não conseguem entender que tem que mudar o tipo de vida.

Nós chegamos a viver como índio no início, matava passarinho pra comer, não tinha nada. Nem bola tinha. Mudou depois da escola do Poruba, na casa do Seu Benedito de Oliveira, que tinha uma sala de aula na casa dele. Começamos a estudar, evoluir um pouco, mas tinha muita dificuldade, tanto que minha mãe estudou só até a segunda série, ela levantava cedo de madrugada para fazer farinha. Quando ia uma irmã dela, ela faltava e vice-versa, tinha que intercalar. Tinha que fazer farinha pra sobreviver, era o meio de vida dela. Ela ajudava os pais a manter a família.

Acho que deve ter algum parentesco com o pessoal da praia, mas eu desconheço. Mas a gente conhece todo mundo lá, só dividiu por causa da pista mesmo, porque era

um bairro só. Todo lugar aqui é assim, no Ubatumirim também. Mas depois da estrada o sertão sempre fica do lado mais difícil, e muito desvalorizado. Na praia ainda dá pra aproveitar o turismo, fazer um restaurante, alugar camping, e mais fácil, porque o turista vem procurando praia. No sertão não tem nada, sobrevive um pouco de trilha, de cachoeira, de levar o turista pra ver os fornos dos escravos, lugares bonitos e antigos, mas não é muito valorizado. Tem a casa de farinha e a casa que eles moravam antigamente, que é legal pra levar o pessoal..

Eu trabalho na prefeitura. Mas a gente continua morando lá. Tem pouca gente do sertão que trabalha assim, a maioria da nossa turma já foi embora pro centro, por causa de trabalho. O termo sertão sempre existiu, mesmo antes da estrada. Mas hoje isso é mais forte ainda: sertão é uma coisa, praia é outra.

Os moradores que chegaram depois da rodovia – *os mineiros* - são tidos como “causadores” dos conflitos com o Parque. Percebemos que a maioria deles trabalha como pedreiro ou prestador de serviços para o turismo. A impressão que tivemos ao falar com alguns moradores provenientes de Minas é que, apesar de viverem em condições precárias e da falta de emprego, vivem em melhor situação aqui do que no local onde residiam, pois, “em termos financeiros”, uma semana de trabalho em Ubatuba pode corresponder a um mês trabalhando lá, e aqui eles sempre arrumam algum “bico” para fazer. As narrativas acabam por evidenciar as formas pelas quais esses moradores são afetados pelas situações de precariedade. Vejamos o que dizem:

Depoimento oral de Esupério, morador do sertão do Poruba, 40 anos, proveniente de Minas. Veio para o sertão após a construção da rodovia. Atualmente trabalha na construção civil. Entrevista realizada por nós em outubro de 2006:

Meu nome é Esupério, e tenho 40 anos. Eu vim de Minas. Meu irmão morreu de acidente em 1991. Eu moro desde 1989. Meu pai comprou a terra e a gente foi vindo junto, aí mora a família inteira. Na verdade eu trabalho e sempre trabalhei na agricultura, mas devido à situação, nas horas vagas, a gente busca outra forma de recursos né, na construção civil. A gente tem uma plantaçozinha, porque a gente vive mesmo da agricultura, e também faz uns bicos. Meu pai faleceu faz cinco anos, e eu cuido da minha mãe. Levanto cedo, vejo as plantas, saio pra trabalhar e volto à tarde. Viemos em 89. Saímos de Minas por causa da busca né. O êxodo rural. Porque teve a estiagem lá na região e a

gente sempre viveu da agricultura, é nossa maneira de ser, então naquela época a gente plantou muito café, todo tipo de cultura. E na época que a gente veio tinha um senhor que deu uma terrinha pra gente produzir arroz. E como a área era muito boa achamos que ia dar certo. Só que foi frustrado. No começo foi bom mas depois a gente percebeu que a realidade não era o que a gente pensava. Isso aconteceu com muita gente, então tem que partir pra outros setores. Foi um pensamento que não deu certo. Mas aí já tinha comprado aquele sítio e tivemos que buscar outros meios de sobrevivência. Aí eu vim trabalhar de pedreiro.

Mas eu gosto de morar aqui, gosto muito de Ubatuba. Todo agricultor gosta muito de clima, e aqui é bom porque chove muito. E a gente sofreu muito com a estiagem na nossa região, aqui chove mais do que dá Sol, então é bom. E tem também a Mata Atlântica, que tem que preservar, eu sei, a gente aprende muita coisa. Precisa cultivar mas também precisa preservar. E a gente vive no meio de uma vegetação enorme, muito bonito, a gente tem uma visão ampla da Mata Atlântica e eu acho muito rico. Às vezes acordo e penso: 'esse é o lugar mais bonito'.

Eu sou de Itaipé, no norte de Minas, é bem seco, próximo do Jequitinhonha, então é uma região muito sofrida, muita estiagem. Lá se vive da agricultura e da agropecuária, mas nem sempre dá para se manter. Tanto é que eu vim pra cá e sou envolvido com os movimentos, sou vice-presidente do sindicato rural de Ubatuba e a gente se envolve porque faz parte do crescimento do ser humano. Só que Ubatuba piorou um pouco, tá muita concorrência, muita firma de fora. Nesse ramo também de construção logo logo vou ter que procurar outra coisa, porque tá muito difícil concorrer com o pessoal de fora.

Vimos que a Mata Atlântica é uma referência na paisagem dos moradores, pois é um elemento vivenciado ("*a gente tem uma plantaçozinha, porque a gente vive mesmo da agricultura*"), mas percebe-se que eles têm uma consciência de preservação.

O trajeto percorrido na análise dos dados, até aqui, permite considerar que a área selecionada para a investigação é um contexto de periferização das condições urbanas produzidas no município após a construção da rodovia. Percebemos que anteriormente a esse processo, os moradores viviam em simbiose com a mata e tiravam dela a subsistência necessária para sua sobrevivência. Com as alterações no modo de vida local e a inserção de outras pessoas exógenas ao lugar, as relações se transformaram, em decorrência das

condições de inserção no território de Ubatuba, explicitando conflitos e desigualdades sociais reproduzidas cotidianamente. As melhorias de vida produzidas por esses novos moradores, num projeto interminável de inclusão à cidade, correspondem inversamente com a ocupação desordenada de áreas de proteção ambiental. Essa paisagem, com sua especificidade, revela uma periferia esquecida na cidade.

Não podemos ignorar o processo de transformação por que vêm passando tais lugares, tanto em vista de seu passado histórico quanto pelo presente e futuro, com as inovações advindas das novas apropriações de lazer e do turismo das sociedades contemporâneas. Salientamos a importância dos fatores naturais e construídos na interação ativa, (na vivência) dessas paisagens com as populações envolvidas, incluindo necessariamente a experiência e as subjetividades da vida humana, trabalhando com o tempo do lugar, incorporando seus ciclos, sua história, lembranças, interpretações...

O desvelamento da paisagem através de sua vivência assume fundamental importância, e, a ignorância do cotidiano do lugar e de seus modos de vida tradicionais leva à perda das referências e da memória ali contida. É nesse quadro que se propõe pensar a paisagem como experiência e para isso é fundamental que a comunidade local participe dos processos de transformação por que vêm passando tais lugares. Isso possibilita novas alternativas e valores na relação das pessoas com a paisagem, utilizando a experiência partilhada como uma maneira de se viabilizar uma realidade includente.

Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do Século)

BERQUE, A. **La maîtrise de la ville:** urbanité française, urbanité nipponne. Paris: Editions de l'Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, 1994.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FERRARA, L. d'A. Fim de século: visibilidade/multiplicidade. In: YÁZIGI, Eduardo. (Org.) **Turismo e paisagem.** São Paulo: Contexto, 2002, p. 65-82.

FRENETTE, M. **Os caiaças contam.** São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

LOPES, J. R. (coord.). **As imagens da pobreza no Litoral Norte do Estado de São Paulo.** Núcleo Interdisciplinar de Práticas e Práxis Contemporâneas (NIPPC). Universidade de Taubaté, 2002.

LOPES, J. R. ; ALVES, C.P. ; FRANÇA, F. M. ; NEVES, L. R. ; BATISTA, V. L. **Turismo de massa e produção de ambientes de natureza degradada.**

Virajes, Caldas, Colômbia, v. 1, n. 4, p. 71-85, 2002.

MACHADO, L. M. C. P. **A serra do mar paulista:** um estudo de paisagem valorizada. Tese de doutoramento – Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP de Rio Claro, 1988.

MALTA, F. J. N. C. **A questão da habitação social e o desenvolvimento sustentável no Litoral Norte Paulista** - FASE II. Grupo de Pesquisas em Desenvolvimento Urbano e Habitação (GPDUH). Universidade de Taubaté, 2004.

MARCÍLIO, M. L. **Caçara:** terra e população. Estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

MENESES, U. **B. de.** A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, E. (Org.). **Turismo e Paisagem.** São Paulo: Contexto, 2002, p.29-64.

OLIVEIRA, H. G. de. Construindo com a paisagem: um projeto para a Serra do Cipó. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (orgs.) **Interpretar o patrimônio:** um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Território Brasilis, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBATUBA. Secretaria Municipal de Arquitetura e Planejamento Urbano. **Fotográfico aéreo,** 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBATUBA. SETUR - Secretaria Municipal de Turismo de Ubatuba. **Mapas.** 2006.

SANDEVILLE JUNIOR, E . Paisagem. **Paisagem e Ambiente,** São Paulo, v. 20, p. 47-60, 2005.

SANDEVILLE JUNIOR, E. Paisagens e métodos. Algumas contribuições para elaboração de roteiros de estudo da paisagem intra-urbana. **Paisagens em Debate,** São Paulo: FAU.USP, v. 2, 2004.

SCHAMA, S. **Paisagem e Memória.** São Paulo: Cia das Letras, 1996.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Projeto de preservação da Mata Atlântica. Plano de Manejo das Unidades de Conservação. Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Picinguaba.** São Paulo: Instituto Florestal, Fundação Florestal, 1998.

SOARES, C. S. **Do Santíssimo à peixada:** a festa de São Pedro pescador em Ubatuba. Trabalho de conclusão de curso – Departamento de História – Unitau, Taubaté, 2005.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Nobel, 1998.

Informações sobre os autores:

Rosana Silva Vieira, arquiteta e urbanista, mestranda da FAU – USP – área de concentração: Paisagem e Ambiente

Pesquisadora do Laboratório Gestão e Projeto do Espaço (FAU/USP)

Contato: zanavieira@gmail.com

Prof. Dr. Euler Sandeville Jr. Arquiteto e Urbanista, Arte-Educador, Mestre e Doutor Estruturas Ambientais Urbanas, Pós-Graduação em Ecologia. Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, orientador dos Programas de Pós-Graduação da FAU.USP e Ciência Ambiental da USP, Coordenador da Área Concentração Paisagem e Ambiente, FAU.USP, Coordenador do Mestrado em Ciência Ambiental, PROCAM.USP, Pesquisador do Laboratório Gestão e Projeto do Espaço (FAU/USP), Pesquisador Associado do Laboratório de Políticas Ambientais (PROCAM/USP). Site para contato: <http://www.ambiente.arq.br>.